

PSICOPATOLOGIA NA ABORDAGEM JUNGUIANA

Bianca Macêdo Lopes¹, Carla Maria de Lima Soares², Karla Gomes Leite³, Alex Sodré Costa⁴

Resumo: Este trabalho é resultado de uma pesquisa bibliográfica sobre patologias na visão de Carl G. Jung, com o intuito de aprestar as visões desse autor sobre esse tema, queríamos nos informar e também fazer com que esse artigo tivesse o propósito de mostrar para os leitores essa visão de patologia, pois é uma visão única e muito perceptível do ser humano. Pode se dizer que a forma que Jung lidava com a patologia o deixava mais próximo de seu paciente pois a sua preocupação no seu trabalho não era só com a doença que era trazida pelo paciente e sim a subjetividade que seu paciente trazia junto com a doença.

Palavras-chave: Patologia, perceptível, paciente, doença, subjetividade.

Introdução

Carl G. Jung (1875-1961) coloca a psicopatologia como uma variante do desenvolvimento normal do arquétipo, onde são apenas distúrbios dos processos normais e nunca algo separado do ser já que para ele o paciente deveria ser compreendido em sua individualidade, ou seja, não podem responder como uma “psicologia autônoma”, externa ao sujeito.

Jung (1985) defendia que o terapeuta não deve se fechar em torno do que sabe, até então, a respeito do paciente, mas lhe mostrar em total compreensão e dar uma chance para que ele apresente seu

¹ Graduando em Psicologia – FAVIÇOSA/UNIVIÇOSA. E-mail: bia_loops@outlook.com

² Graduanda em Psicologia – FAVIÇOSA/UNIVIÇOSA. E-mail: carlasoares94@gmail.com

³ Graduando em Psicologia – FAVIÇOSA/UNIVIÇOSA. E-mail: karla.gomesleite@hotmail.com

⁴ Graduando em Psicologia – FAVIÇOSA/UNIVIÇOSA. E-mail: alexsodre_10@hotmail.com

material com maior liberdade. Isso contribui para um acréscimo de informações a respeito do caso, pois quando o terapeuta enxerga apenas alguns pontos, ele, automaticamente, se fecha para outros. “O fato decisivo é que, enquanto ser humano, encontro-me diante de um outro ser humano. A análise é um diálogo que tem necessidade de dois interlocutores. O analista e o doente se encontram face a face, olhos nos olhos. O médico tem alguma coisa a dizer, mas o doente também” (Jung, 2006).

Destacava (Jung, 1985) que o diagnóstico psicológico não vem como forma de resolver o conflito do paciente e entender os processos que afetam o sujeito, apenas como algo pronto para oferecer um nível de orientação e direção, ou seja, é eficiente na descrição, porém insuficiente na terapêutica. À vista disso, Jung (1999), mostra que o diagnóstico não significa nomear alguém (doente) patológico, mas sim conhecer as características de como o indivíduo se encontra, sendo um determinado estado psicológico. Análise não é apenas “diagnóstico”, mas antes é compreensão e suporte moral no esforço e experiência honesta que chamamos “vida”. Nunca podemos saber melhor ou de antemão o que afeta o indivíduo. Só podemos ajudar a pessoa a se compreender a si mesma, a tomar coragem para a tentativa e o desafio. (Jung, 1999, p. 62-63).

Material e Métodos

Nesse artigo foi feito um estudo de três artigos relacionado a abordagem psicológica junguiana, em um grupo com quatro alunos da Faculdade de Ciências e Tecnologias de Viçosa (UNIVIÇOSA).

Essa pesquisa foi para podermos ter um embasamento melhor da abordagem, e assim conhecer também o seu criador “Carl G. Jung”, mas dando foco a um assunto abordado pelo tema específico. Escolhemos mostrar um pouco da visão de Jung e como ele lidava com as patologias de seus pacientes e assim com esse tipo de estudo podemos ter uma noção diferente sobre as patologias que foram nos apresentadas até hoje em nossa graduação de psicologia, essa nova

abordagem abre os nossos olhos para coisas e fatos que até então nem nos era compreendido o que é muito rico para a graduação.

Resultados e Discussão

Os resultados analisados têm como concluir que Jung não tinha uma teoria específica sobre neuroses. A teoria de Jung diz que cada pessoa tem a sua individualidade e sua subjetividade, não tem como uma teoria definir um tipo de “doença” para as pessoas. Ele preferia analisar cada pessoa em sua totalidade e não tratar a neurose, mas sim a pessoa por traz dessa neurose.

Ele via muito além de uma doença antes de tudo ele enxergava o ser humano em sua frente o que para época era uma característica de trabalho muito diferente e inovadora, com isso tendo um destaque em seu trabalho por ter essa peculiaridade positiva ao seu favor.

Ele compreendia que a complexidade do psiquismo é ampla, então uma teoria geral não contemplaria a totalidade de cada pessoa. Enfim, Jung não nomeou uma nomenclatura para neurose, mas tinha as suas teorias como: corporal, hipnose ericksoniana, psicanálise, psicodrama, abordagem sistêmica entre outras.

Considerações Finais

De acordo com os artigos pesquisados sobre a forma que Jung trabalha com as patologias mostra que o diagnóstico realizado não resolve completamente os “problemas” dos pacientes, mas lhe direciona para um caminho para que o mesmo possa se descobrir e poder desvendar os seus conflitos. Jung dá total clareza e espaço para que o paciente deposite sua confiança e traga o máximo de relato possível. Ele analisava o indivíduo em si, para ele cada um ter sua própria personalidade e subjetividade, sempre analisou cada pessoa em sua totalidade e em sua patologia. Ele se dedicava ao Máximo ao seu trabalho para que assim pudesse dar as melhores e mais possíveis formas de tratar aquele sujeito que estava com a sua

psique abalada, e não deixando o sujeito de lado para só visualizar a patologia como o todo do conflito posto para o tratamento.

Para finalizar, compreendemos que é muito difícil realizar um diagnóstico “perfeito e completo” de uma pessoa, é necessária uma apropriação teórica mais aprofundada e acima de tudo um tempo maior de aproximação com o paciente, para assim, refletir possibilidades de tratamento que fossem além do uso de medicação e sim uma terapia realizada no foco do relato e na história de vida do paciente, bem como um método de análise através dos sonhos, dentre outros que são apresentados por Jung.

Referências Bibliográficas

Estudos Interdisciplinares em Psicologia. Reflexões sobre diagnóstico psiquiátrico à luz da psicologia analítica. Est. Inter. **Psicol.** vol.4 no.2 Londrina dez. 2013.

Boletim de Psicologia. Pesquisa em psicologia analítica: reflexões sobre o inconsciente do pesquisador. **Bol. psicol** v.57 n.127 São Paulo dez. 2007.

Apontamentos sobre a psicologia analítica de Carl Gustav Jung. Alves Ramos, Luís Marcelo. Educação Temática Digital, supl. **Saúde Educativa, Psicologia Analítica e Movimentos Sociais**; Campinas Vol. 4, Ed. 1, (2002): 110.